

REVISTA DA SEMANA

Anno XII — N. 615 — Avulso 300 réis
— Avenida Rio Branco 110 e 112

Rio de Janeiro,
24 de Fevereiro de 1912



DEUS OS FEZ
A POLITICA OS SEPAROU
A ESCULPTURA OS JUNTOU



(PHOTO-ACADEMICA)

Escultura, em plasticina, de Luiz e Raul.

Agentes GONÇALVES ZENHA & C.

Antarctica



RUA 1º DE MARÇO 83
RIO DE JANEIRO

REVISTA DA SEMANA

Rio de Janeiro, 24 de Fevereiro de 1912

Anno XII — N. 615 — Avulso 300 réis
— Avenida Rio Branco 110 e 112



CINZAS



Sabem os senhores ao que é que chama o povinho "o casamento da raposa?..."

Não sabem?...

Pois eu lhes digo. "O casamento da raposa" vem a ser, nada mais, nada menos que aquelles pedaços de dia, vulgares no outomno e mesmo no verão, em que chove e faz sol ao mesmo tempo.

Do céu, sem colorido preciso, todo breado a tintas pardacentas, embora claras, caem, de parceria, raios de sol pouco vivos, pouco brilhantes e cordões d'agua de fraco volume e fraca velocidade.

E' uma coisa chôcha e indecisa, vaga e irritante que se não firma nem para o lado do bom tempo, nem para a banda do tempo máu, antes d'um e d'outra participa, em porções eguaes.

O "casamento da raposa" vem a ser portanto — depois do cerebro e — quem sabe? — da alma dos politicos — a expressão mais completa, mais perfeita do estado dubio, da incerteza, do nem peixe nem carne, nem Deus nem diabo, nem sim nem sopas.

Pois bem, o inicio do Carnaval primeiro d'este anno — porque ainda vamos ter outro — foi assim: foi "casamento da raposa".

Tanta hesitação, tão grande vacilação houve, por parte dos dirigentes, em dirigir o povo resolvendo peremptoriamente sobre se sim ou não devia ser transferido o Carnaval, que o sabbado chegou, com toda a gente ás aranhas, ás tontas, sem saber ninguem que attitude deveria tomar.

Chovia tédio sobre a cidade, tédio onde lampejos timidos de sol de folguedo punham pequeninos claros animados. Era o "casamento da raposa" com todos os matadores...

Com duas ou tres tentativas de conflicto provocados por fingidos patriotas, ficou porém tudo explicado e viu-se que a tendencia geral era para que as festas de Momo se realizassem.

Foi então por toda a Capital uma ancia de

recuperar o sabbado perdido e só quem não viu a agitação febril, endiabrada da Avenida repleta na segunda-feira e na terça á noite, pôde acreditar que sejam capazes de representar a opinião publica os que andaram a préggar uma falsa e interessada sentimentalidade ridicula.

De ponta a ponta a larga e bella via, hoje mais bella porque usa o nome de Rio Branco, era um turbilhonante oceano de alegria e entusiasmo — alegria sã, entusiasmo espontaneo.

Faltavam musicas... O governo declarara conservar-se neutro no caso do adiamento ou não do Carnaval, mas, os que mandam nas bandas que o povo mantém e sustenta para o divertirem, convencidos de que ellas são propriedade sua, não as deixaram vir animar ainda mais as festas da rua.

Porque?... Sim, porque, se o luto official estava já terminado e não poderia haver outra razão para a esquivança se não a desse luto?...

Eu lhes digo: simplesmente porque ha quem seja doidinho, doidinho por se mostrar sempre mais realista do que o rei, realizando o que o povo (ainda é o povo o melhor dos classificadores) chama: "chaleirismo..."

Pois, meus amigos, apesar desses "chaleiras" e dos outros todos, apesar da falta: das musicas e dos cordões e dos zépereiras e dos prestitos, sempre lhes digo que foi um Carnaval encantador, talvez por nelle, só haverem tomado parte, meio ás escondidas, os que queriam a sua transferencia e por ella escreveram artigos, votaram propostas, assignaram listas.

B. C.

SECÇÃO PHILATELICA

O extraordinario exito do primeiro concurso aberto pela *Revista da Semana* é a mais eloquente prova do grande acolhimento que está tendo o *philatelismo* no Brasil.

Todos os dias recebemos avultado numero de soluções e, se nem todas são exactas, expressivas é a manifestação da boa vontade dos leitores que com o tempo irão melhorando o trabalho de cortar, lavar e colleccionar os sellos.

A grande affluencia de assumptos da semana impede-nos de tornar hoje mais extensa esta secção.

O primeiro concurso philatelico encerra-se a 29 de Fevereiro.

As soluções que chegarem depois desse dia não serão mais admittidas.

MUITO OBRIGADO



Sabe toda gente o exito brilhante que coroou o *tour-de-force* da *Revista da Semana*, dando, na quinta-feira da passada semana, uma edição de 32 paginas com 45 gravuras todas novas, sem aproveitamento de um cliché, em *Homenagem aos Mortos Ilustres* e sem prejuizo da edição habitual dos sabbados.

Posto á venda esse numero extraordinario, ás 7 horas da manhã, ás 10 1/2 estava completamente esgotado chegando a haver quem vendesse exemplares a 500 e 1\$000, o que é nada menos que um abuso que não autorizámos, como bem se pôde crêr.

Tirada a edição de sabbado, numero todo carnavalesco, fizemos uma 2ª edição do numero extraordinario, que teve a mesma procura da primeira.

Se isso foi o premio de um grande esforço, devemos dizer, desvanecidos e gratos, que, para tal resultado muito concorreu a bondade da Imprensa carioca, fazendo ao nosso trabalho a mais carinhosa recepção, as mais lisonjeiras referencias.

Bondade igual dos collegas mereceu tambem o nosso numero de sabbado e a protestar-lhes o nosso reconhecimento e a dar ao publico o nosso "muito obrigado", aqui estamos, de coração nas mãos, radiantes, felicissimos, promettendo continuar a fazer todos os sacrificios, pois bem os compensa tão larga e animadora paga...

Revista.

VERANISTAS

Começa a *Revista* a publicar hoje photographias de grupos dos ditos mortos que andam a veranejar por sitios encantadores e... frescos, emquanto nós cá nos vamos torrando na fornalha carioca.

Nem em todas as mil estações de villegiatura, de aguas e de banhos tem, porém, a *Revista da Semana* correspondentes que lhe enviem dessas photographias e como sempre nos será prazer reproduzi-las, quando a isso se prestem ellas, avisamos aos veranistas que acceitaremos gostosamente as que nos queiram enviar directamente.



O BURRO

Affonso Lopes Vieira, o brilhante poeta portuguez, tem, recém-publicado, um singello e delicioso livro com versos para crianças. Chama-se o livro:

Animaes Nossos Amigos e delle tiramos as simples, bondosas quadras que o poeta das *Canções do Vento e do Sol* consagrou a *O burro*.

Para as illustrar servimo-nos do trabalho de um novel pintor lusitano, que sob o pseudonymo *M. Migança* esconde um appellido já celebre na arte portugueza: Gameiro. Realmente, *M. Migança* é Manoel Gameiro, filho de Roque Gameiro, o notavel aguarellista.

Os "esquisses" que hoje damos, estudando do natural um burrico, foram pelo autor offerecidos a Baptista Coelho, em Lisboa.

CARNAVAL N. 1

PASSOU, afinal o Carnaval n. 1. porque, este anno, como demonstração de luto e dôr, ficou estabelecido fazerem-se, em vez d'um, dois carnavaes. O primeiro já lá vae.

Os patrioteiros que se arvoraram em unicos capazes de sentir, que se mascararam de Catões, antes dos tres dias em que as macaras são permittidas devem estar de cara á banda com a sua obra de fingida sinceridade.

O povo que sentiu mais, mas muito mais, muitissimo mais do que elles o golpe rude que soffreu o Brasil, comprehendeu bem que não havia desrespeito, ou ingratidão em vir para a rua animal-a com os seus folguedos predilectos.

E veio então e o Carnaval foi entusiastico, alegre, movimentado como o dos outros annos.

Faltaram os prestitos na terça-feira, é certo, e faltaram ao grandes bailes nos grandes clubs, mas conso-

lou-nos ver que, se esses clubs estavam de rigoroso luto, os seus socios, individualmente, estavam de jubilosa gala, porque os encontrámos na Avenida, cantando, dançando, folgando...

Quanto aos conflictos esperados, quanto ao "mata e esfola" a que seria condemnado quem ousasse empunhar um lança-perfume ou envergar uma mascara, ficaram em lingua, não passaram de previsão errada de prophetas de mentira.



Por toda a cidade houve ordem, em meio da agitação e do bulicio todo. O povo divertiu-se, esqueceu por tres dias as suas mil preocupações, os seus sobressaltos por tudo quanto de assustador via á sua volta dias antes e, com o distrahir-se, ganhou nova alma e coragem nova para voltar á vidinha de sempre, em que, se escasseiam as alegrias, são de sobejo os trabalhos, nunca faltam os dissabores...

Verdade é que, nesta volta, terá a animal-o a esperança de que, d'aqui a quarenta e dois dias haverá novo Carnaval, o Carnaval n. 2 que lhe vae proporcionar a sentimentalidade ridicula dos patrioteiros...

O RIO D'OUTRORA



O que era a estação dos bondes em Copacabana, onde ha hoje a linda praça Serzedello Corrêa



ABULA

Um rapaz atiradico conseguiu de galante viuvinha que tinha um bebê de 5 annos, innocentes entrevistas no Passeio Publico.

Iam para lá, á tarde, sentavam-se num banco e — tró-ló-ló, pão duro, rosca quebrada—punham-se a conversar. Mas o bebê interrompia o idyllo, atrapalhava... Vae então, um dia, o rapaz comprou uma porção de doces e deu ao petiz, com a condição de os ir elle comer para longe...

O pequenino lá se foi com aquella docada toda nas

mãos e a mamãe, naturalmente grata por aquella gentileza ao seu filho, deu um beijo—um ou varios — ao rapaz.

Moralidade:

— “ *Quem meu filho adoça minha bocca beija...* ”



Se o beijo um signal deixasse
Pequenino, minha amiga,
Por certo, quem te fitasse,
Diria: “Teve bexiga?...”

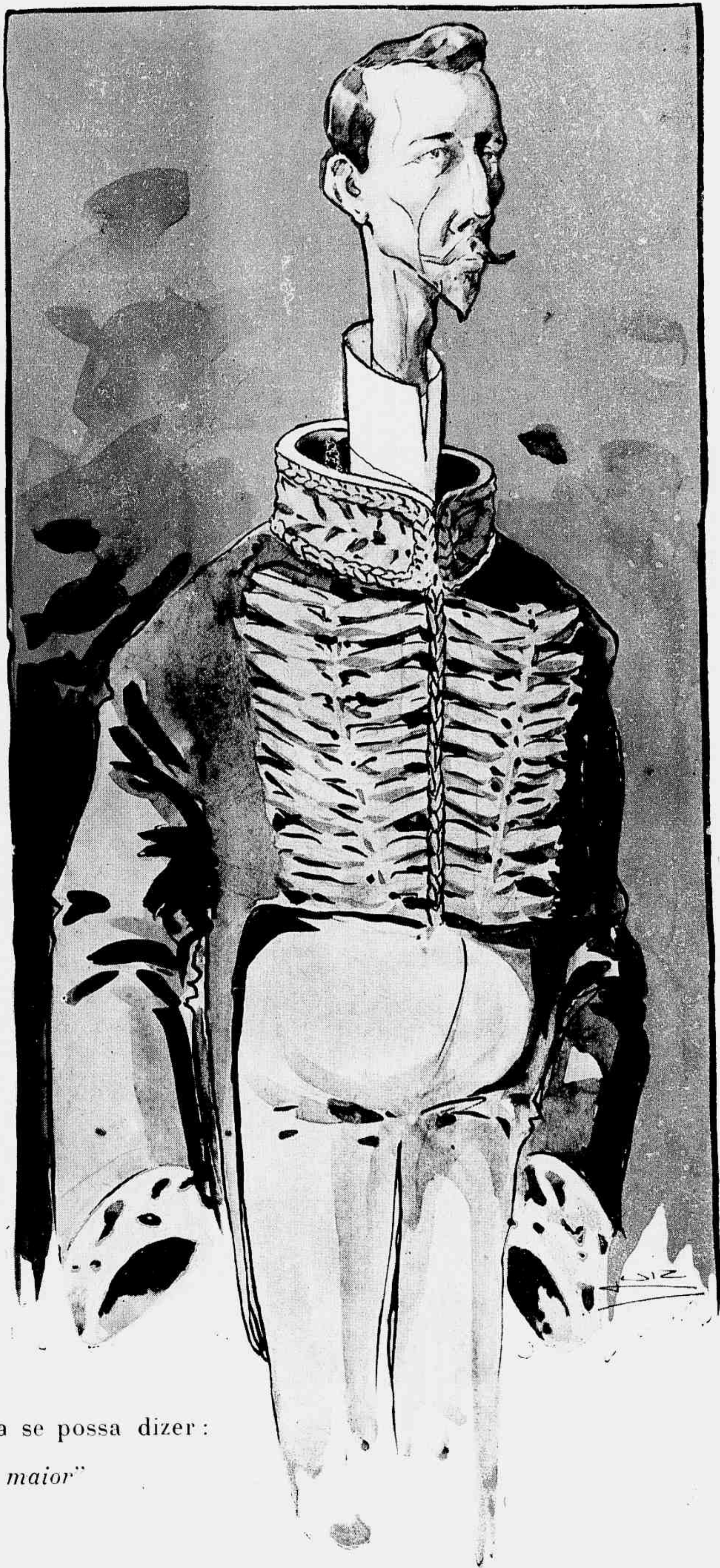
O RIO PITTORESCO



O desembarcadouro, na Ilha de Paquetá, ha bons 15 annos

Galeria Nobre

O DR. LAURO MULLER
*que acaba de receber
a herança do Grande
Homem.*



Praza aos Ceus que nunca se possa dizer:

“o defunto era maior”



No atelier da "Photo-Academica as estatuetas do Marechal Hermes, por Luiz e do General Ruy, pelo Raul, juntas sobre a peanha em que foram photographadas, para a capa da "Revista" de hoje, feitas de silencio e de solidão, resolvem esquecer resentimentos politicos e caraquear. Começa a cousa por um suspiro fundo, um "Ai! Ai!" daquelles que vêm do calcanhar, dado pelo General, montado no livro.

MARECHAL — (que ouviu o suspiro) E' de coração, seu Ruy?

GENERAL — (meio trombudo, ainda) De coração o que?

MARECHAL — O suspiro...

GENERAL — Porque?

MARECHAL — Porque, se é de coração, "tire a taboa"...

GENERAL — Que taboa, Marechal, que taboa?

MARECHAL — Uê! o General não sabe do marido e mulher que estavam de mal e ao fim de tres dias, com uma taboa a separal-os no leito, ella suspirou fundo, assim como agora fez o General... Vae o marido que estava mortinho para fazer as pazes, disse-lhe: "Nhá Maria, se o suspiro é de coração, tire a taboa!"... Admira que o General, que tanto sabe, não conheça essa historia...

GENERAL — (altivo) Eu só conheço uma Historia, com H grande...

(Um silencio. O General suspira de novo.)

MARECHAL — Está suspirando outra vez? Porque?... Isso é de zanga por estar junto de mim?...

GENERAL — (já mais humano) Não. E' que estou cansado de estar montado neste livro... Isto cança!...

MARECHAL — (malicioso) Preferia estar sentadinho nesta cadeira, hein?

GENERAL — (arriando o jogo) Lá isso, preferia...

MARECHAL — (rindo) Seu damado!... (já serio) Quer trocar?...

GENERAL — Como, trocar?...

MARECHAL — Você vem para a cadeira e eu monto nos livros... Estou acostumado a cavalgar... E' cousa que não me cança... Ainda ha anno e meio na Allema-

nha, o Kaiser, ao ver-me andar a cavallo um dia inteiro, como se nada fosse, disse-me entusiasmado: "Marrejal, fôcemecê, deve esdar munto callejadas para poder guentar tantas hórras no lombas do cavallas"...

GENERAL — O Marechal pensa que livro é cavallo?...

MARECHAL — Ora esse... Pois é o General que falla em livros. O General que é da Academia que acabou com as letras de todas... Tenha paciencia, mas para o General, todos os cavallos têm que ser de um l só...

GENERAL — (meio encolado) Pois serão!... Mas neste em que eu estou montado, com um l ou com dous, não monta você...

MARECHAL — Em compensação



Deus os fez

A politica os separou

A esculptura os juntou

MARECHAL — Bem sei que não é a mesma cousa...

GENERAL — Nem nunca foi... Isto de livros não é marimba que preto toca, é cousa de monta, de alta monta...

MARECHAL — Deixe lá que tambem a equitação é cousa de monta... D'alta monta, até, porque ha a montaria em alta escola...

GENERAL — (confinando) Para ter o direito de estar aqui em cima como eu é preciso caval-o...

MARECHAL — Para equitação tambem é preciso cavallo...

GENERAL — Isso é cavallo com dous!...

nesta cadeira em que eu estou montado, não põe você... o... o... corpo...

GENERAL — Nem quero...

MARECHAL — (mostrando o dedo mindinho) Ora mordê aqui...

GENERAL — (furioso) Não!

MARECHAL (escamado) Não!

O PHOTOGRAPHO — (aparecendo pelas escadas acima) Lá estão já os dous ás turras... Não podem ficar perto um do outro a logo turumbamba!...

(E separou-os, cada qual a resmungar ainda contra o outro...)



L. V. DE C. — que no numero de 10 do corrente levou aqui a esfrega que mereciam os seus sonetos máus como as coisas más, escamou-se. Escamou-se e sentou-se em frente a um espelho e começou a escrever uma carta. Como via diante dos olhos a propria cara, convenceu-se que estava a escrever a si mesmo e, ali desata elle aos desafetos, a chamar-se nomes feios, de estúpido para baixo e de animal para cima, enfim tudo quanto merecia. Depois, num movimento de justiça, num gesto de se castigar a si mesmo, manda-me a carta para que eu veja como o pobre poetastro a si mesmo se trata...

Palavra que faz pena. Não, seu L. V. de C., você exagerou. Você escreve mal; os seus versos são detestáveis, não ha duvida. mas, afinal, isso não é um crime por ali além. E como promette, envergonhado com a justa e severa corrigenda que lhe dei aqui, quebrar a pena e não mais trucidar as musas e o rythmo e a rima e o bom-senso, merece perdão.

Merece e tem, com o arrepender-se das barbaridades que fez, duplo direito ao céu. Duplo sim, pois que antes do arrependimento, já lá tinha o seu logarzinho como pobre de espirito...

JOSUE' PARANHOS — Tenha paciencia, mas o seu nome está errado. O senhor não póde ser Paranhos. Será talvez Josué Patranhas; Josué das Aranhas, Josué Gadanhos, mas Paranhos é que não. Paranhos é appellido de gente, e o senhor não é gente. Não é, não, garanto-lh'o eu. Quem escreve barbaridades, será tudo, menos gente.

Do seu soneto *Pastoral*, só ha aproveitaveis as duas primeiras syllabas do titulo... para o senhor ir para ellas, descansar a ver se engorda.

Olhem só esta primeira quadra:

Como eu sinto nas horas do poente
Andar de andar a pastorear rebanhos
De tocar gaita com amor ridente
Vendo teus olhos refulgentes castanhos..."

Oh Josué... Metter-se a poeta, em vez de continuar a fazer parar o carro do sol, ou a puxar outro!

E a segunda quadra então:

"Eu santiago a cantar sempre p'ra frente,

(imagina-se lhe dá para cantar p'ra traz...)

"Direcção ao Nirvana, a tudo estranhos
E a voz dizer-me suavemente:
— Anda commigo, anda meu Paranhos..."

E' certo ou não... Josué ?...

Deixe-se pois de poetar; tire o *ral* ao titulo do seu soneto e vá p'ra o resto...

Allih Nodhuro.



ELO correio, registrado, escripto em bello cursivo, recebemos o soneto que abaixo publicamos, convencidos embora de que não é da lavra de quem indica o pseudonymo que o assigna, deixando ver claramente o nome de um professor conhecido que ultimamente se atirou ás lides politicas apresentando-se candidato a deputado por um Districto desta Capital.

Procede a nossa convicção de que, se, de facto, fosse de S. S. o soneto, não deixaria o pseudonymo ver a sua pessoa... *claramente*.

E' que este adverbio e o professor em questão *hurlent de se trouver ensemble...*

Eis o soneto:

SONETO PEDAGOGO-ELEITORAL

Só pru via de votos não fê
Na inleição desta vi capitá,
Diputado não sô... não faz má,
P'r'otra vez deputado hê de sê.

Atas fârgas fizeru escrevê
Nos distrito que eu fui espia,
Nem difunto deixaru votá,
Só dê máu para não mi elegê !

Sô dotô Irineu, que é sabido,
Tanto fez e virou e mexeu
Que avançou na inleição por dous canto.

Mas praque que eu perdi sabisidio ?
Ninguem ha mais milhó do que eu,

M. Ethereo de Todos os Santo.

O entrudo não acabou. Petropolis sustenta-o, continúa a realizal o. Este anno, houve baldes d'agua, pipas d'agua e até mergulhos em tanques.

Por signal que quizeram uns rapazes atirar a esse tanque uma ingleza. A miss, que tem muque, á voz de «tanque», bradou :

— Tanque . you...

— e atirou tres dos rapazes á agua...





Les Parisiennes

par une Parisienne

La chanteuse de café-concert

Étant enfant ou l'avait menée dans le quartier à un petit café-concert. Elle n'avait rien compris parcequ'elle était très jeune et qu'il y avait beaucoup de lumières et que c'était très joli et un peu ahurissant.

Plus tard, elle y était retournée avec son amoureux en quittant l'atelier. Et, c'est à l'atelier, qu'un jour, comme elle chantait, on lui trouva une jolie voix.

Les camarades proposèrent d'en parler à leurs amis, ceux-ci pour faire valoir leurs relations offrirent de la présenter à un directeur. Elle hésita, d'abord, puis accepta. On la verrait, elle aussi, dans des lumières !...

Quels rêves ne fit-elle pas ? ! Elle soigna sa voix, se fit belle, se prépara un petit repertoire.

Le jour vint. Emotions...

— Aurai-je une assez, jolie voix ? !...

— “Faites voir vos jambes lui dit un gros homme...”

Elle fut engagée.

Depuis, elle a fait son chemin. Elle ne sait si elle a de la voix, mais elle a des prétentions.

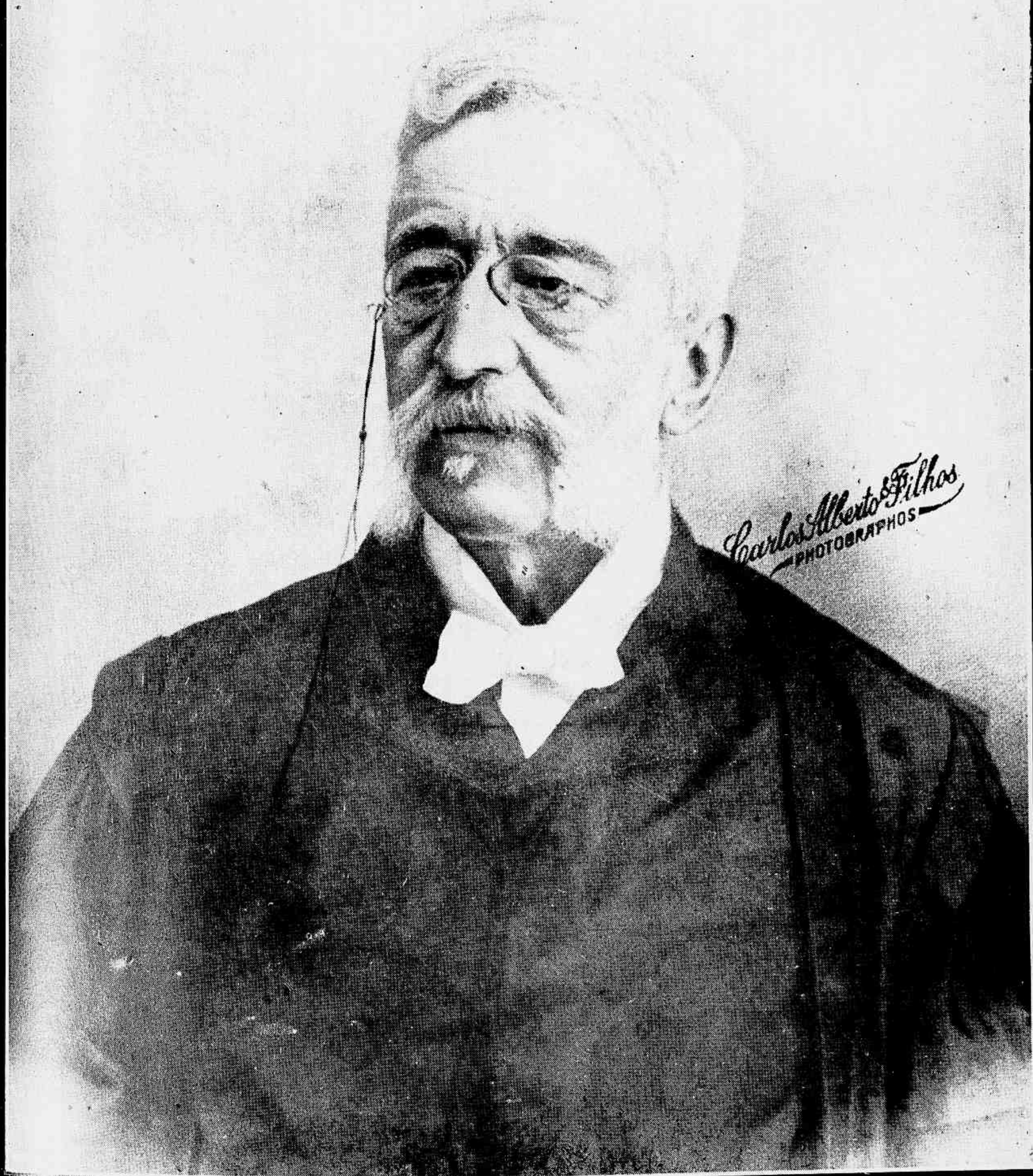
Il lui est venu pas mal d'aventures, quelques bijoux, beaucoup de dettes. Elle se lève tard, ne travaille pas, chante n'importe quoi, et prend pour du talent la

grosseur des lettres d'un directeur complaisant faire mettre sur les programmes.

Colette.

O meu coração precisa
Que te resolves, Felicia.
Passa ! Que és mais indceiza
Do que o Chefe de Policia !





VISCONDE DE OURO PRETO

Rainha talvez de ter visto que houve nos desgostos, na tristeza geral, uma tregua de riso e alegria. Logo na madrugada em que esse parêntese ditoso se fechava, descarregou a Sorte impiedosa, mais um fundo e violento golpe no coração da Patria, roubando de entre os vivos o Visconde de Ouro Preto.

Não precisamos dizer quem foi essa figura de politico, prestigiosa nos tempos já apartados

do Imperio e tão respeitavel na sua nobre linha de vencido mas não convencido, na Republica.

Diremos, porém, que a obra da sua vida que mais o honra, talvez, é essa de deixar os continuadores do seu nome e da sua gloria que deixa e aos quaes apresenta a "Revista da Semana" a sentida, a sincera expressão das suas condolências.

24 de Fevereiro
reino



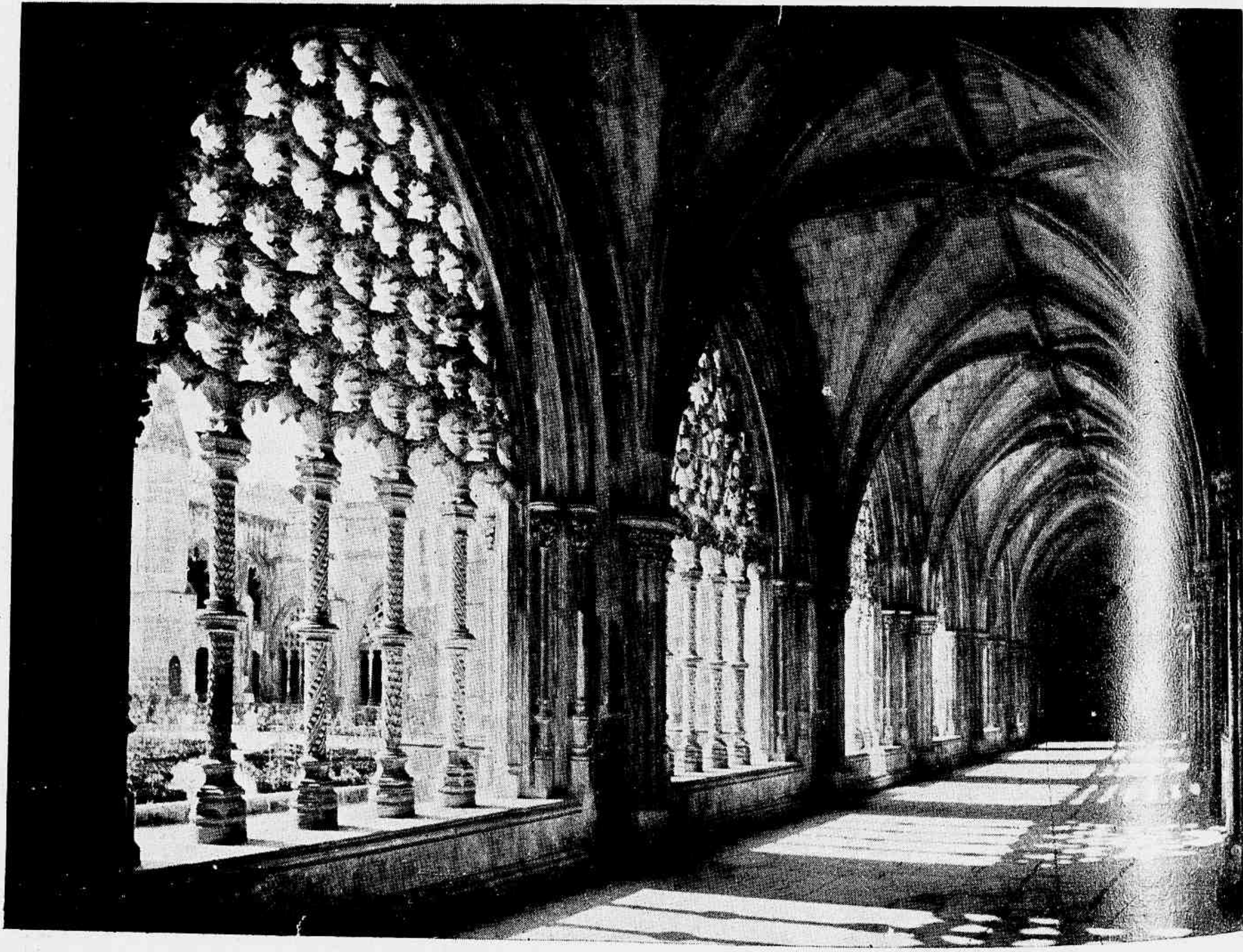
COLHE hoje mais uma risonha primavera no jardim de sua preciosa existencia a **Exma. Sra. D. Constituição da Republica dos Estados Unidos do Brasil.**

Nascida no anno da graça de 1891, em S. Christovam, completa, portanto, hoje, a joven anniversariante, se a mathematica não é a senhora de seus actos e de seu nariz.

Queira Deus lhe sirva isso de alguma coisa, para se poder impôr mais ao respeito e à consideração dos governantes e até dos governados, a ver, se assim, não a tratam tanto, não a trazem tratada como uma Gata Borracheira que, coitadinha, não tem sequer, como a outra, uma madrinha-fada, que uma noite por outra a tire do seu canto na cozinha e mande à festa, toda chibante, toda catita e de sapatinho capaz de dar volta ao miollo (por pouco que este seja) dum principe. Encantador.

E' o que sinceramente desejamos á sympathica e digna de melhor sorte anniversariante que os passarinhos vêm, no arrebol da madrugada do dia de hoje, despertar com os seus mais maviosos gorgeios e com os seus cantos mais suaves. Por tão faustosa data saúda-a a sua admiradora

R. da S.



Portugal Monumental — A Batalha — Vista do claustro

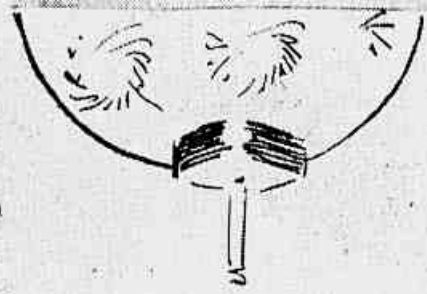


MASCARADAS



TERÇA-FEIRA

«FAUSSE-MATINÉE»



(CONTINUA EM ABRIL)

UM NOVO CAPRICHIO FEMININO



Já não são os miúsculos e delicados *toutous* que podem ser escondidos em um *manchon* os preferidos cães-zinhos das elegantes parisienses. Quasi já se não veem esses especimens da raça canina acompanharem as suas proprietarias nos passeios matinaes do Bosque de Bolonha ou nas avenidas arborizadas dos Campos Elyseos.

Actualmente são preferidos os vigorosos cachorros de raça allemã, amestrados em cães de policia. Ao mais ligeiro signal os cães precipitam-se sobre o objecto indicado pelo dedo de suas amáveis proprietarias e devoram o ladrão de carteiras, mordem os *vieux marcheurs* mais imprudentes ou qualquer outro menos delicado bolina.

As senhoras poderão assim aventurar-se pelas avenidas mais desertas do bosque sem temerem encontros perigosos.

Os cães, em moda actualmente são dos mais selvagens, pois constituem um producto, cumulo do chic, de uma loba e de um cão. Ha já alguns annos um grande escultor russo e sua mulher, a Princesa Troubetskoy, fizeram sensação nos *five-o'clock* mundanos com os seus cães desta especie perigosa.

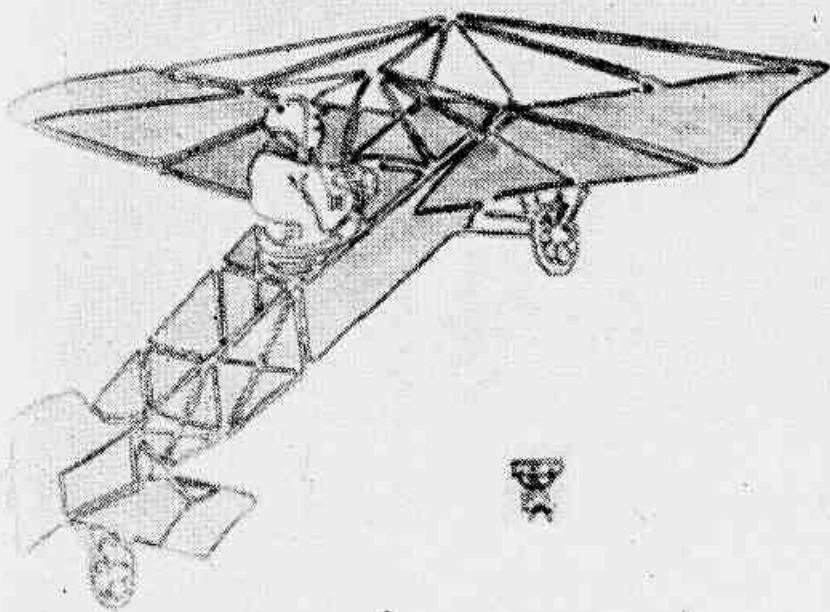
Agora, causam certo espanto, justamente, as ricas elegantes que os não exhibem.

Ora, ali está uma moda que conviria, no Rio, ás frequentadoras de cinemas onde ha *lambarys* atrevidos e ás que vão assistir a manifestações policiadas pela Guarda Civil...



PACHORRA DE CHINEZ

- SEM LEVANTAR A PENNA - GARROS EM PLENO VÔO -



Desenho executado, sem levantar a penna, partindo da canoça do aviador e vindo terminar à sua direita

ANNIVERSARIO

No capinzal devastado
Da encaiporada existencia
A... Fulano a Providencia
Deu mais um capim-melado.
Rompe a manhã feitiçeira.
Vão despertal-o aos penates
O canto dos... alfaiates
E a conta da lavadeira.



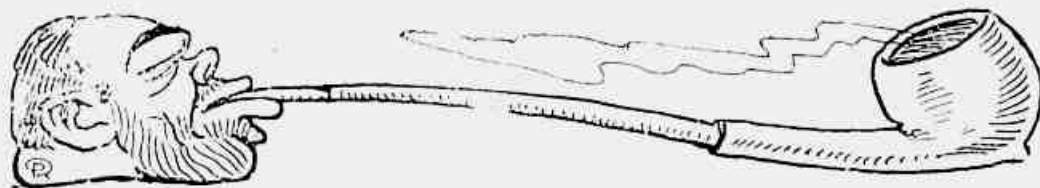
DOS ARREPENDIDOS E' O REINO DO CÉU



Quinze dias — qual quinze! — cinco, quatro, tres dias antes de adoeecer o Barão, havia jornaes que o atacavam, não forte e nobremente, em artigos sérios, mas com piedadinhas, querendo mettel-o a ridiculo, chamando-lhe Gloria decahida, accusando-o de estar elle mesmo a preparar-se uma manifestação no dia do seu anniversario e mil outras pequeninas larachas de mau gosto, indignas de quem se fizera um nome como o delle.

Pois bem, esses jornaes foram os que mais choraram a sua morte, os que primeiro lhe mandaram corôas...

Arrependimento... Remorso... O remorso-vivo, representado pelo Sr. Domingos Braga, com unhas de latão e cabelleira desgrenhada.



PLENA QUARESMA



— Pagas uma peixada?
— O' homem! Não vês que estou "na espinha?"

1.º CONGRESSO da REPUBLICA
dos ESTADOS UNIDOS do BRASIL.



1891



ART. 1º

Linda, linda, um alfenim,
Tendo por pae um valente
E uma Ama muito... Prudente:
Ao nascer eu era assim...

Raul

Desenhos de

24 DE FEVEREIRO

1912



§ 2º

Cresci e mostrou por mim
Pae Rodrigues taes amores
Que me fiz a flôr das flôres:
Cheguei a ficar assim...

Luiz

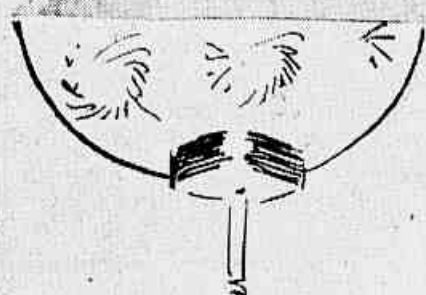
§ 3º

Mas de pouco tempo ao fim
Entrou a Politicagem
A "estragar-me a paisagem"...
E, triste, agora estou assim...

Bambino

TERÇA-FEIRA

«FAUSSE MAÏGÈ»

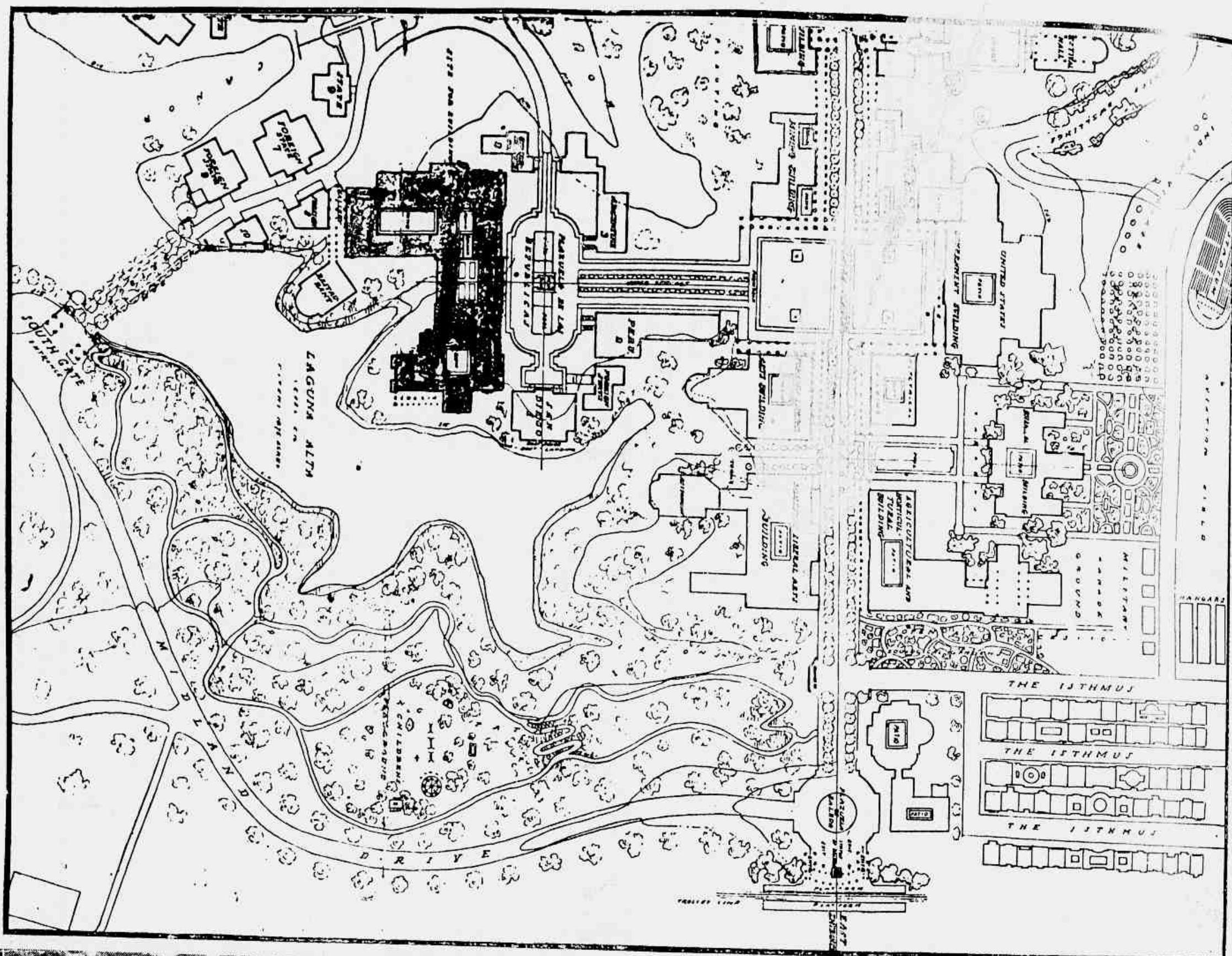


(CONTINUA EM ABRIL)



Entre est que firmam
A nossa Constituição
Innumeros encon parão
Que já m a desizeram.

EXPOSIÇÃO DE S. DIEGO CALIFORNIA



Planta e photographia do local onde se realizará, em 1915, a Grande Exposição Internacional com que os Estados Unidos celebrarão a abertura do canal de Panamá. A parte, a negro, na planta é a destinada ao pavilhão do Brasil



O VALLE

O Valle, sim, "tout-court" que era assim, apenas pelo appellido que o publico, todo o publico de Portugal e grande parte do do Brasil, conhecia José Antonio do Valle, o grande actor comico portuguez que a 20 do corrente falleceu em Lisboa.

O Valle!...

Bastava o nome, bastavam essas duas syllabas, para fazer abrir logo num sorriso a cara de quem as lêsse ou ouvisse. Dizer: "o Valle!..." era evocar não uma, mas muitas, muitissimas noites de prazer intenso, de gargalhadas vibrantes vendo-o interpretar todo o repertorio comico e burlesco de ha 40 annos para cá.

E' que esse actor foi o maior de todos do

seu genero, na lingua portugueza, creando um logar seu, no Theatro, logar para o qual não deixava substituto.

A sua especialidade foi a comedia burgueza. Taborda, immenso nesse genero, reproduzia typos. Valle caricaturava-os e não havia quem rezistisse ao ver a "charge" estupenda que elle fazia do "Commissario de Policia", por exemplo.

O seu ultimo grande papel foi o "Pinto Calçado", de Ernesto Rodrigues e André Brun, creação essa, porém, já feita numa velhice atormentada pela mais cruel das molestias, para todos e principalmente para um actor: um cancro na lingua. Isso sem contar a crise moral em que se debateu nos ultimos annos em que uma só grande alegria teve: o ter voltado ao Rio, ha tres

Rouge, as gallinhas que põem ovos de folha com pastilhas de chocolate e os espelhos deformadores.

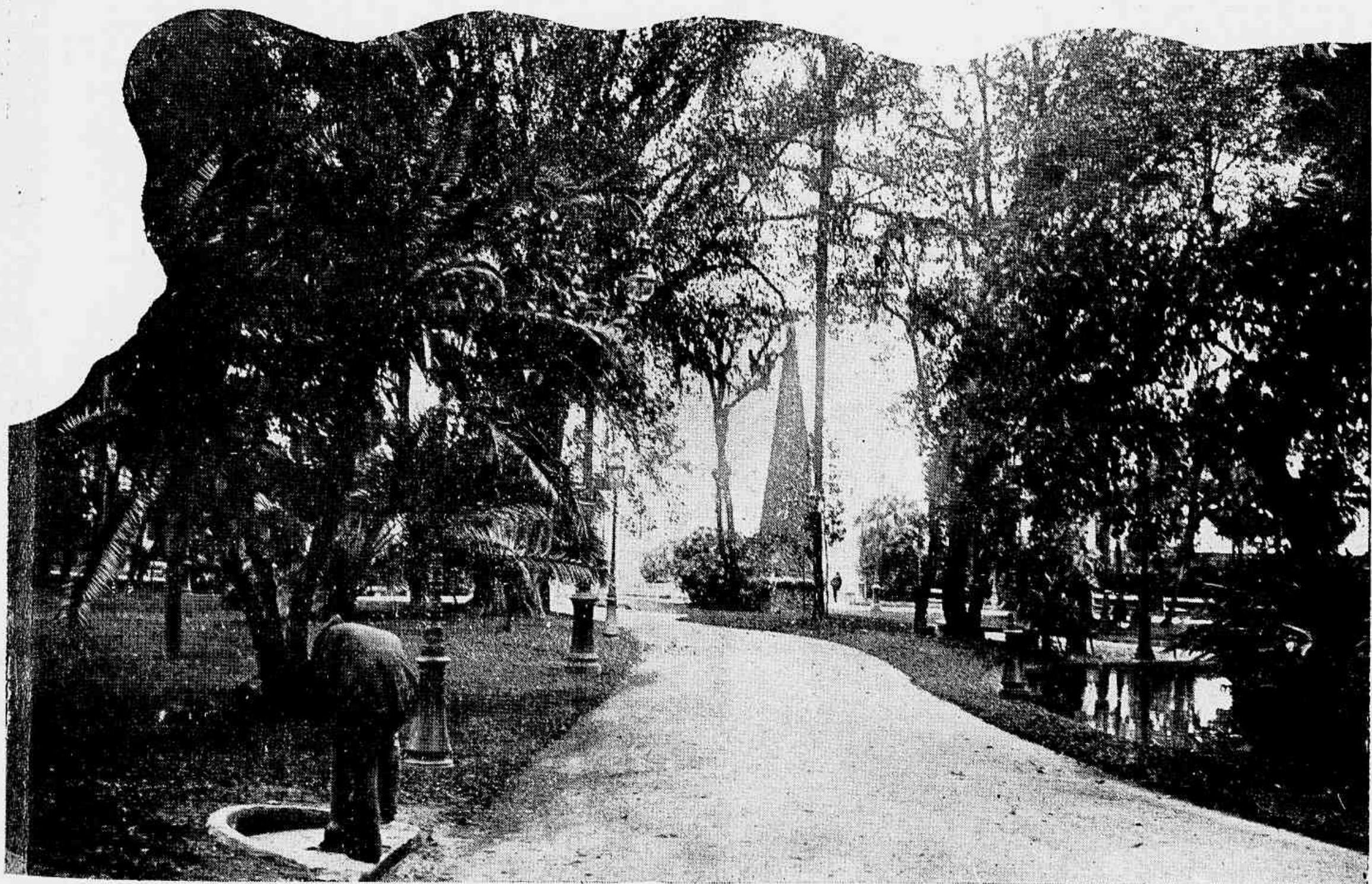
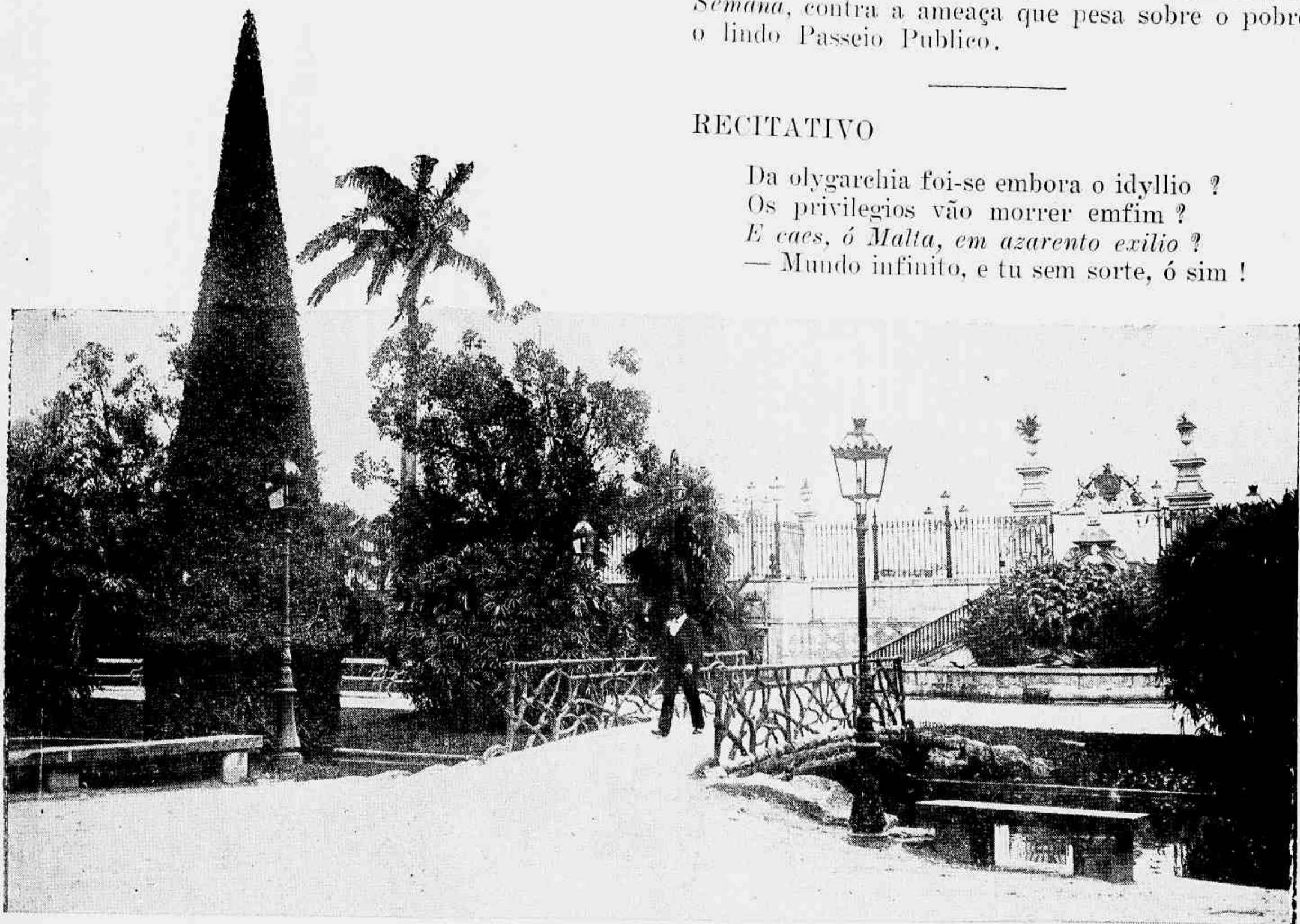
Affirmam os mesmos jornaes que tudo isso será feito sem estragos para o jardim. Não cremos possivel semelhante milagre e para que se veja mais

tarde que não tinham razão os que apoiam a triste idéa, fizemos tirar algumas photographias do mais pittoresco e mais respeitavel, pelas suas tradições, dos nossos logradouros publicos.

Ahi ficam ellas como protesto da *Revista da Semana*, contra a ameaça que pesa sobre o pobre, o lindo Passeio Publico.

RECITATIVO

Da olygarchia foi-se embora o idyllio ?
Os privilegios vão morrer emfim ?
E caes, ó Malta, em azarento exilio ?
— Mundo infinito, e tu sem sorte, ó sim !



POLITICA PORTUGUEZA — Rei, Pretendente e Conspirador

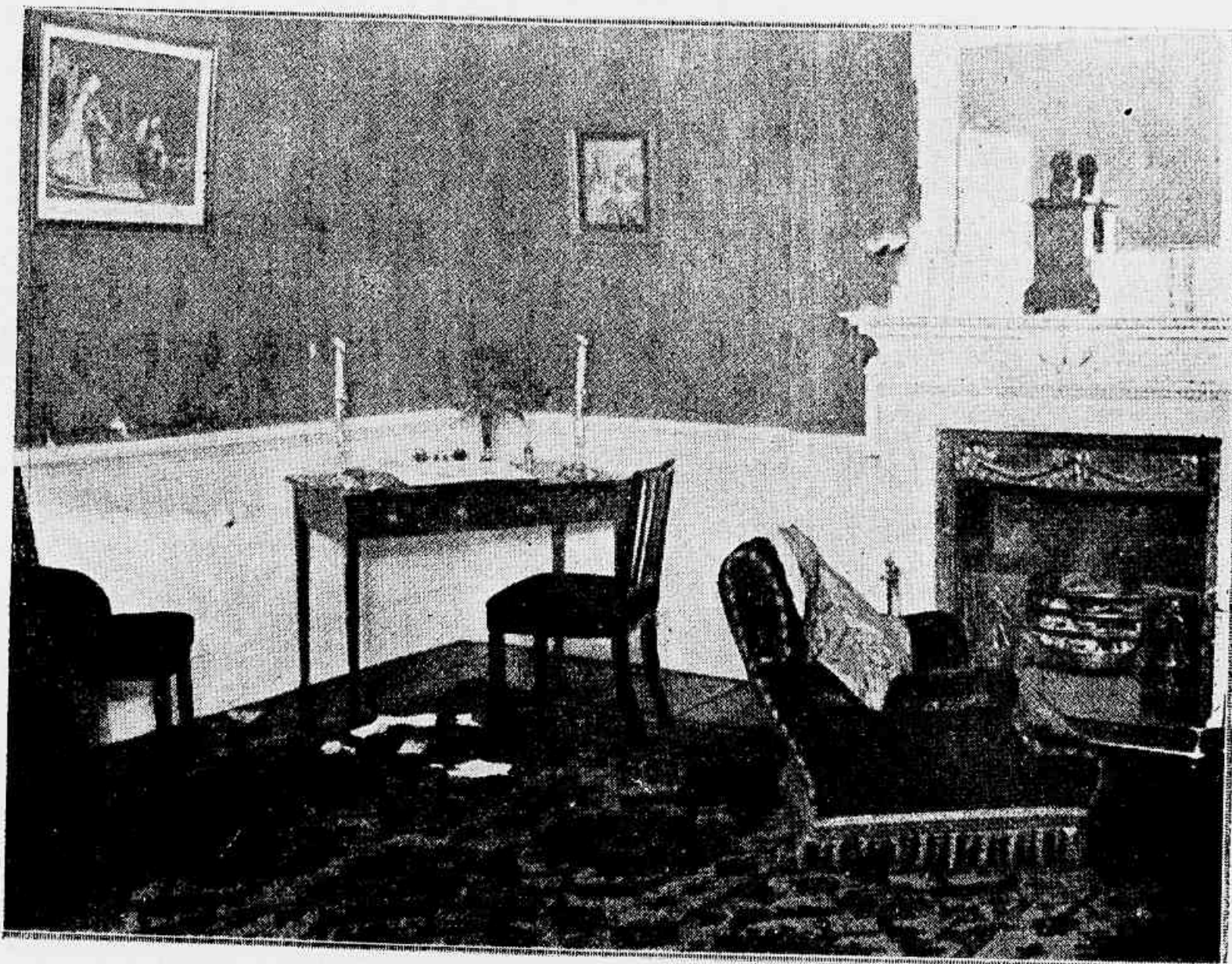


Paiva Couceiro, chefe realista portuguez, em Calais. — D. Miguel embarca em Calais para Douvres. — Dom Manoel chega ao "Lord Warden Hotel" em Douvres

A 30 de Janeiro, em Douvres, D. Manuel II, Rei exilado de Portugal, encontrou-se pela primeira vez com o seu primo D. Miguel de Bragança, pretendente ao throno lusitano. A entrevista, que parece ter sido preparada pelo Capitão Paiva Couceiro, chefe dos conspiradores portuguezes, realizou-se num quarto do Lord Warden Hotel, onde num pedaço de mataborrão ficou impressa a firma de D. Manuel.

Que assignaram os dous principes? Não se sabe ao certo. Diz-se, porém, que se trata da desistencia de D. Miguel, da sua pretensão ao throno, pon-do fim, portanto a uma antiga rivalidade dynastica.

Será exacto?...



O quarto do "Lord Warden Hotel" onde o rei exilado, o pretendente e o chefe realista Paiva Couceiro, tiveram a entrevista em 30 de Janeiro



Impressão, ás avessas, da assignatura de D. Manoel no mataborrão

A assignatura do mataborrão, reconstituída ás direitas. "Manoel R. (Rei)"

O BURRO

Levam coisas
P'ra o mercado,
No alfoje
Tão nesado

E o seu dono
Quando é mau,
Dá-lhe, dá-lhe
Com um páu !

E transportam
Tudo, tudo,
No seu passo
Tão miudo.

E elle, o burro,
Soffre, então...
Tem nos o'hos
O perdão !

Tão miudo
E tão esperto
Que anda tanto
Por ser certo.

Julga ainda
Muita gente
Que elle é pouco
Intelligente.

E trabalham
Com vontade,
Com juizo
E humildade.

Dizem isso,
Mas deixal-o !
Tem mais tino
Que o cavallo...

Cuidadosos,
Os burrinhos
Vão andando
P'los caminhos.

E andam sempre
Caminhando,
Tic, tic,
Trabalhando...

Muito pouco
O burro come;
Sente ás vezes
Muita fome.

Tic, tic,
Vão a andar,
Muito sérios,
A seismar...

Vão andando
P'las estradas,
Sempre em longas
Caminhadas.

Do seu dono
Que seria
Sem o burro ?
Que faria ?

E uma herva
Do caminho,
Já contenta
O burrinho...

Levam saccoes,
Levam lenha...
Pésa a carga
E é tamanha !

Que faria,
Desgraçado,
Sem o burro
Seu criado ?

(Do livro *Animaes Nossos Ami-
gos*).

Affonso Lopes Vieira.

Correio da Moda

PARIS, 23 de Janeiro de 1912

As parisienses já não sabem onde possam com vantagem exhibir as suas elegantes *toilettes*. Todas as recepções, todas as reuniões litterarias ou officiaes servem de pretexto para o lançamento de uma novidade ou para a exhibição da ultima criação da costureira elegante.

As primeiras representações, os chás elegantes, os concertos ou as conferencias litterarias serviam até agora de centros preferidos para as exhibições deste genero, não fallando das grandes reuniões sportivas da primavera.

Esses centros, porém, já não são sufficientes para as exigencias cada vez mais crescentes dos grandes industriaes da costura ou das grandes *coquettes*. Uns e ou-

tras procuram campos mais vastos para as suas proezas.

Não é das cousas mais faceis, principalmente na actual estação em que as reuniões se têm feito notar pela sua escassez. As preoccupações da politica não têm permittido ao grande mundo esses prazeres custosos das futeis festas elegantes.

Assim a occasião mais propi-



Toilette de taffetas Isabelle, vista na ultima recepção da Academia Franceza.



Mlle. Méa — Vestido de "voile" branco ou crème guarnecido de bordados persas, para moça.

cia encontrada quer pelas elegantes, quer pelas costureiras para se exhibirem foi a recente sessão da Academia Franceza para a recepção do novo immortal Sr. Henri de Regnier.

Vimos alli uma série de criações das mais originaes e das mais elegantes, rivalisando todas entre ellas não só pelo gosto apurado das *toilettes* como pela linha das suas portadoras.

Entre as que mais chamaram



Mlle. Huguette Dastry — Vestido de velludo coral, para soirée.

a attenção distinguimos Madame Gerard d'Houville (Mme. H. Regnier) que entretanto não empregou nenhum artificio para isso. Pelo contrario a sua *toilette* era das mais discretas e ao lado dos vestuarios vistosos que a rodeiavam, distinguia-se pela sua sobria elegancia. Mme. d'Houville tinha um elegante vestido de velludo preto, triste e pallido reflexo do seu profundo olhar.

Ao lado della as suas amigas, mais ousadas cuidaram das suas *toilettes* de recepção de modo mais *criard*. Uma, entretanto, nos chamou particularmente a attenção, um vestido de cachemira branca, bordado de grandes flores de seda da mesma cor, ornado de uma alta banda de skungs.

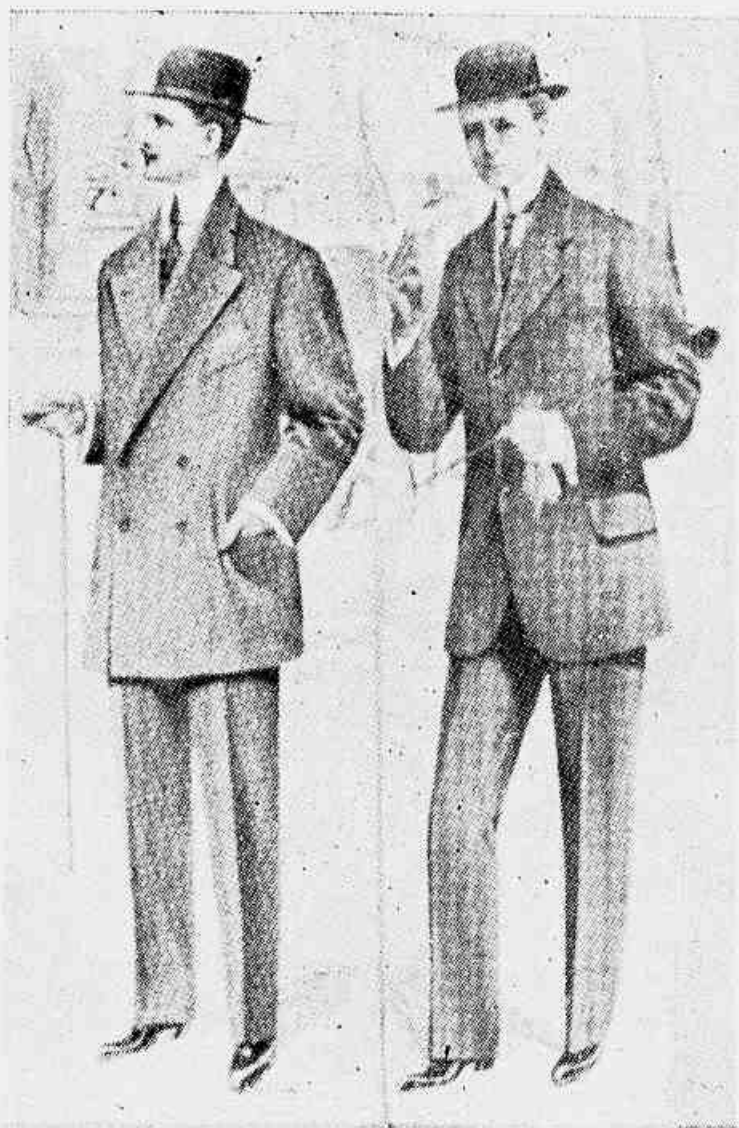
Outra, um lindo vestido de setim preto com uma blusa de mousseline de seda preta com impressões de ouro, conseguia igualmente o elogio geral.

Emfim, uma *toilette* de taffetas, estylo restauração, obteve tambem as honras do dia.

Esta *toilette*, que reproduzimos, merece a attenção das mi-

nhas leitoras brasileiras pela simplicidade da sua elegante concepção e pelas applicações variadas que ella pôde ter no Brasil, onde a temperatura dos salões exige *toilettes* ligeiras.

A *toilette* era de uma *nuance* dourada, denominada Isabelle; tinha um aspecto antigo dos mais distinctos e era guarnecida de pequenos babados do mesmo tecido,



O ultimo modelo de jaquetões.

O talhe moderno de paletots.

bordados com um pequeno galão de velludo *marron*.

As mangas e o corpinho são de um corte completamente novo. A saia é ligeiramente franzida na cintura, como o são todos os ultimos modelos da estação. A cintura é composta de um estreito cinto *drappé*, guarnecido de pequenos ramilhetes bordados tom sobre tom.

Alem desta elegante reunião da

Academia Franceza tivemos uma *première*, a da interessante peça dos Srs. Muside e Rivoise, intitulada *Pour Vivre e Heureux*.

Como os leitores não ignoram as peças de theatro servem ás grandes costureiras de magnificas exposições animadas para as suas creações.

Cada artista notavel, ou cujo papel saliente na peça chama sobre ella a attenção do publico é um reclame vivo para a costureira que a veste. Assim é com um esmero meticoloso que as suas principaes *toilettes* são combinadas e acabadas.

Entre as principaes *toilettes* que alli notámos reproduzo duas que mais convém para o Brasil.

A primeira um elegante vestido (grav. n. 2) de *soirée* intima, para moça; este vestido, dos mais seductores, é confeccionado por um tecido de *voile* de seda branca sobre fundo de seda *liberty* da mesma côr. A saia é curta, abotoada de cada lado, de alto a baixo; o corpinho é em forma de blusa russa de *voile* branco bordado de flores de seda de cores vivas. Estes bordados constituem as unicas guarnições do vestido e são collocados nas margens das mangas e sobre a parte tombante da tunica.

Convém notar que estes vestidos claros usam-se actualmente bastante curtos, deixando ver perfeitamente o pé, que deve ser calçado com um fino sapatinho de entrada baixa de setim ou de velludo da mesma *nuance* do vestido; a meia deve ser de seda bastante fina e transparente e da mesma côr do sapato e do vestido, deixando vagamente perceber, por transparencia, o tom da pelle.

Este vestido é encantador e ob-

teve um successo dos mais merecidos.

Este vestido é encantador e obteve um successo dos mais merecidos.

Demais as leitoras poderão fazer uma idéa pela nossa gravura.

Uma outra *toilette*, de uma moidade encantadora, foi a que exhibiu, alguns instantes, Mlle. Huguette Dastry e que pôde ser usada de preferencia pelas jovens senhoras.

Este vestido (grav. n. 3) é de velludo muito leve, côr de coral desmaiado, *nuance* muito em voga nas recepções nocturnas deste inverno. E' bastante collante, abotoado em um lado por uma série de pequenos botões muito proximos e o baixo da saia ligeiramente fendido proximo ao tornozello.

As mangas são bastante compridas e muito collantes terminadas por uma guarnição de rendas que se continúa até o cotovello. Estas mangas, como todas as novas mangas, são montadas um pouco mais abaixo do hombro, em meio do braço afim de guardar o movimento japonéz sobre os hombros.

O corpinho tem um pequeno decote na frente e um pequeno collarinho redondo por traz.

Uma pequena *toque* de velludo preto guarnecida com uma grande *aigrette*, na frente, termina a elegante *silhouette* desta *toilette* bastante parisiense.

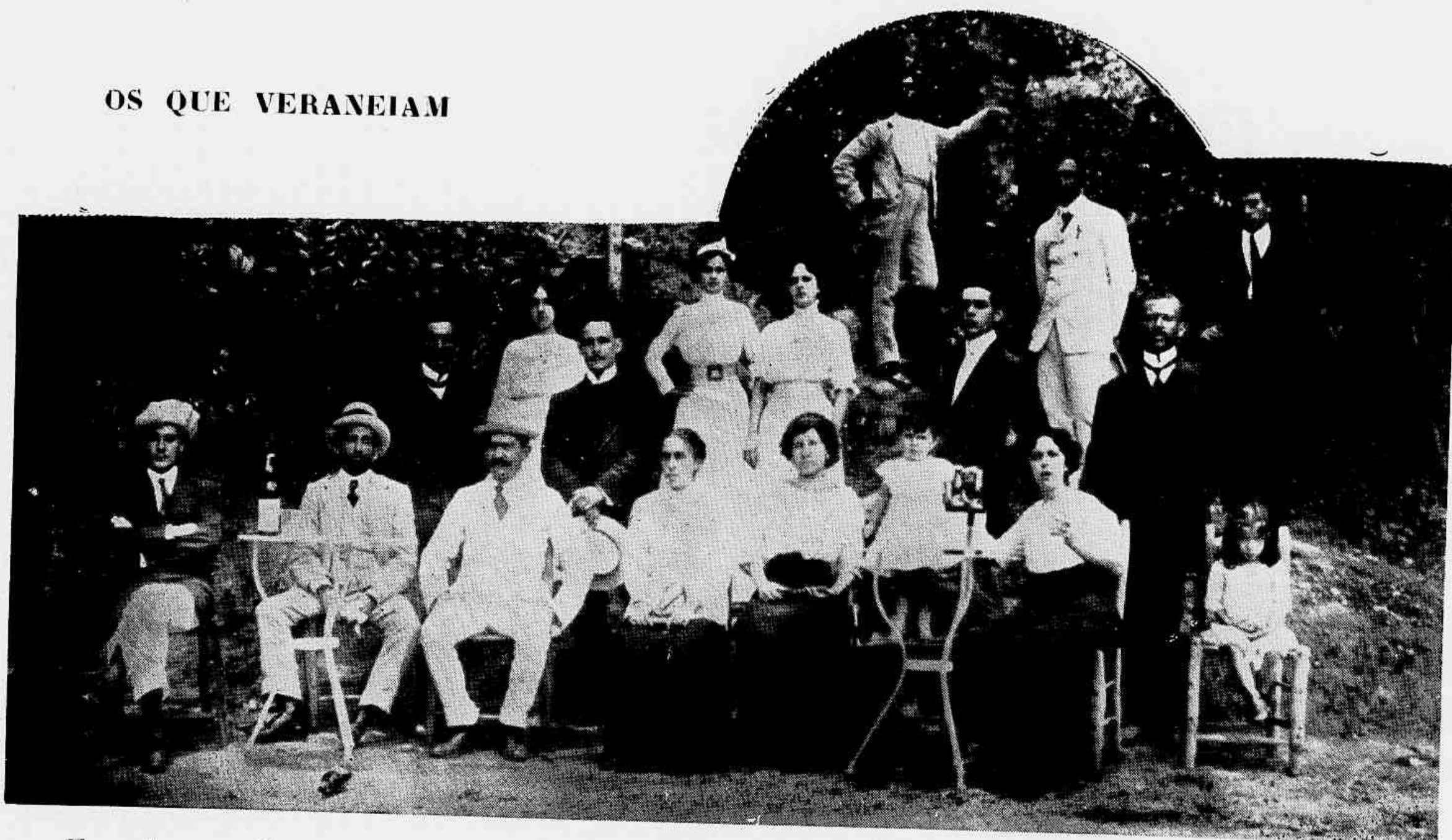
Brevemente as leitoras da *Revista da Semana* poderão ter á sua disposição, nestas paginas, diversas creações, especialmente apropriadas para o Rio e estudadas pelas principaes desenhistas de modas dos grandes jornaes elegantes de Paris.

C. DE R.

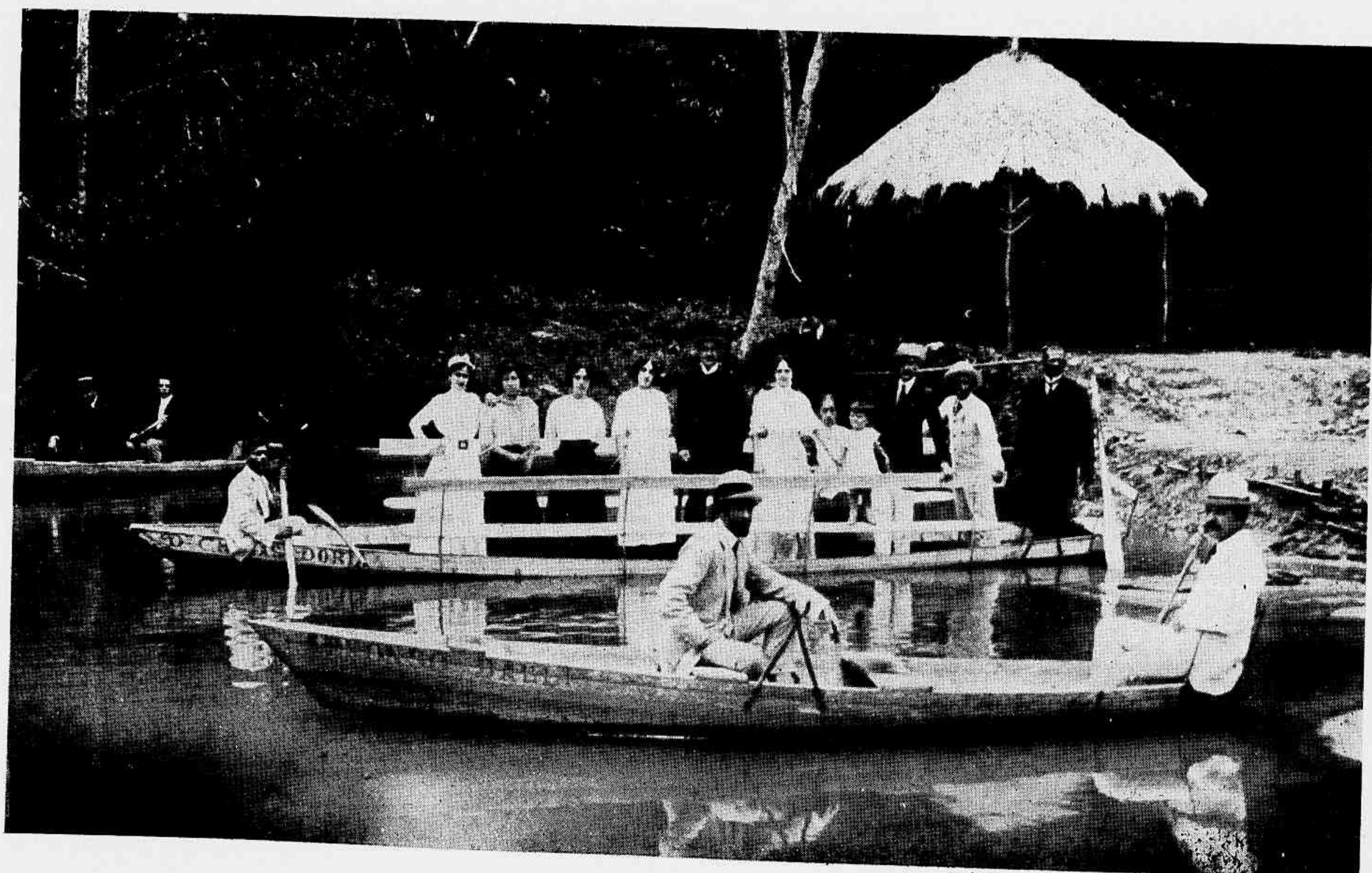


Os que se divertem—"Pic-nic" offerecido pelo Sr. Leopoldo Miguelote Vianna em 11 do corrente, nos arredores de Nictheroy

OS QUE VERANEIAM



Em Aguas Santas — S. João d'El-Rei — Grupo de Veranistas, "posando" numa clareira do bosque



No lago do Parque, em Aguas Santas — S. João d'El-Rei





Por muito sabido que me preze de ser, confesso que d'esta vez me vi "á brocha", como dizem os lisboetas, com uma pergunta enviada a esta secção.

Foi o caso que o Sr.

MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DA REPUBLICA DE ANDORRA, junto ao Governo Brasileiro, me fez uma consulta. Fel-o, porém, na sua lingua. Ora, eu sou especialista em linguas, vivas e mortas, não ha duvida. Tenho mais linguas na bocca do que, por exemplo, o Sr. Coronel Athayde cabellos na cabeça. Confesso, en-



tretanto, que não fallo o *andorrez*. Não fallo, nem escrevo... Não escrevo, nem leio, mesmo porque já se sabe: escreveu, não leu, perdeu-se...

Ora, a carta do sympathico diplomata, era em *andorrez* (ou *andorro*, como quizerem) sua lingua natal... anno-bom e reis.

Fiquei de cara á banda, a olhar para aquillo como boi para a Sra. Candida Palacios. Ora o diabo do homem, escrever no diabo da lingua!..

Sahi com a carta e a intenção de a mostrar a toda gente, cá em casa e na rua, a ver se havia quem descifrasse a coisa.

Cá em casa, ha quem saiba essa lingua arrevezada. E' o Raul... Sabe-a, não por a haver aprendido, mas só de ouvido... O Raul, porém, é surdo, de sorte que para que lhe entrasse, pelo tal ouvido que sabe *andorrez*, a carta, foi preciso lê-la aos gritos.

Ora, *andorrez* gritado parece polaco, de sorte que

era já uma confusão de linguas, tal que não era mais na torre do predio do *Jornal do Brasil* que a *Revista da Semana* tinha a sua redacção, mas na torre de Babel...

Afinal, fallando é que a gente se entende, fallando ainda mesmo *andorrez* e nós tanto fallámos no caso que descobrimos quem entendesse a carta e a traduzisse. Foi o continuo da nossa redacção, que é surdo e quasi mudo—um criado semi-mudo, sem gavetinha ao alto, nem gavetão em baixo.

Foi elle. Pelo mover dos labios de quem lia a carta percebeu tudo e traduziu a consulta do Ministro de Andorra, junto ao nosso Governo.

Pergunta S. Ex., á vista das occorrencias da porta do cemiterio por occasião dos funeraes Rio Branco,



como devem ir vestidos os diplomatas, a ceremonias taes, de modo que não voltem d'ellas, *desabados* (isto é, sem as abas das casacas) e *transbordados*, (isto é, com os bordados das fardas que eram na frente, mudados para as costas).

Francamente, parece-nos que o unico traje invulneravel, capaz de resistir á civilidade da nossa Guarda Civil é a armadura. Envergue, pois, o nobre filho de Andorra uma armadura e se fôr mesmo dura a arma, quando um civil se quizer espalhar ao seu lado, dê-lhe com ella, p'ra baixo, até o guarda cantar de gallo, dê-lhe até "no ceu da bocca", até o Chico vir de baixo...

Só se perderão as que cahirem no chão...

DR. SABÃO.



Era-me a vida de rosas
Mas já se me fez de abrolhos
Por fiar-me em enganosas
Promessas d'esses teus olhos.



JOÃO PAULINO



67° GRANDE CONCURSO MENSAL — 4 coupons do mez de Fevereiro

1° premio — *Uma assignatura por um anno da "Revista da Semana"*. Do 2° ao 10° retratos na galeria da *Revista da Semana*.

Os amiguinhos devem juntar os 4 coupons que têm os dizeres *Concurso Mensal* e remettel-os até o dia 6 de Março proximo.

beiro; 24 Salvador Koek; 25 João Lobo; 26 Pedro Silva da Costa; 27 Cantidio de Lemos; 28 Carmen Soares Pinto; 29 Albertina Nunes Cordeiro; 30 José Nascimento Filho.

66° CONCURSO MENSAL

Mez de Janeiro

Enviaram os quatro coupons

relativos ao mez de Janeiro ultimo, os seguintes amiguinhos pelo que entraram em sorteio que se realizou na segunda-feira, 12 do corrente, ás 2 horas da tarde, na sala da redacção da *Revista da Semana*, na Avenida Rio Branco ns. 110 e 112, 1° andar:

1 Nestor Avelino Pinto Guimarães; 2 Arnaldo Morgado da Hora; 3 Jorge dos Santos Costa

316° CONCURSO SEMANAL

Resultado do 316° concurso semanal do João Paulino da *Revista da Semana*, realizado no sabbado ultimo, ás 2 horas da tarde, na sala da redacção da *Revista da Semana*, na Avenida Rio Branco, 110 e 112, 1° andar.

Foi sorteado com o primeiro premio o n. 20 pertencente a menina Dinorah Ribeiro da Cunha.

Do 2° ao 6° retratos na galeria da *Revista da Semana*.

2°—N. 10 — Maria Bithencourt.

3°—N. 12 — Beatriz Elvira Sampaio.

4°—N. 17 — Hylda Rosa da Costa.

5°—N. 8 — Cordelia de Macedo.

6°—N. 15 — Oswaldo da Silva Camacho.

Enviaram soluções certas os amiguinhos seguintes:

1 João da Costa Ferreira; 2 Waldemar Cesar; 3 Ary Octavio Levrero; 4 Maria do Carmo Dias Leal; 5 Donguinha Dias Leal; 6 Homero Dias Leal; 7 Filhote Dias Leal; 8 Cordelia de Macedo; 9 Lucia de Macedo; 10 Maria Bithencourt.

11 Heloisa Ribeiro; 12 Beatriz Elvira Sampaio; 13 Jorge Figueiredo de Souza; 14 Manuel Torres; 15 Oswaldo da Silva Camacho; 16 Emilia do Nascimento Mesquita; 17 Hylda Rosa da Costa; 18 Waldemar Silva; 19 Vicente da Silva; 20 Dinorah Ribeiro da Cunha.

21 Octavio Augusto da Silva; 22 Alice Vaz; 23 Salvador Ri-

SOLUÇÃO DO 317° CONCURSO



As soluções serão recebidas até sexta-feira. 1 ao meio dia, e o sorteio realizar-se a sabbado, 2 de Março de 1912, ás 2 horas da tarde, podendo a elle assistir todos amiguinhos que desejarem, á Avenida Central 110 e 112.

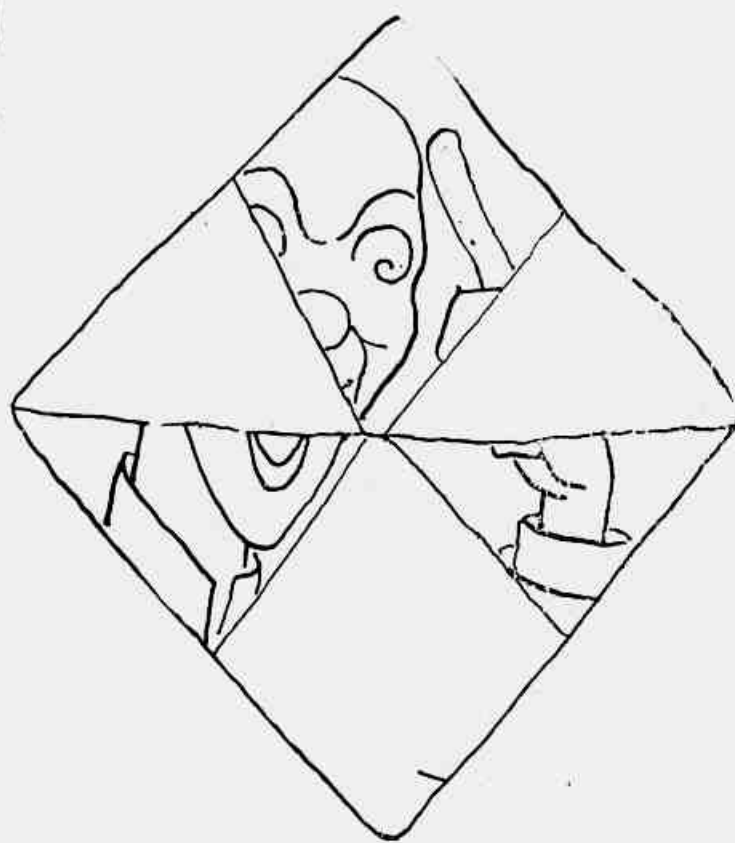
67° Concurso mensal

24 de Fevereiro de 1912

3 «Revista da Semana»

Brinde do Cinema Excelsior—271 Rua do Catete 271. Este bilhete dá ingresso gratuito aos amiguinhos, que não tiverem mais de 12 annos, leitores do *João Paulino*: na *matinée* de domingo 25 de Fevereiro.

318° CONCURSO



Completar a traço o calunga risinho que aqui está.

PREMIOS—Ao 1°, Um lindo brinquedo e retrato na galeria da *Revista da Semana*; ao 2°, um Chico Pindoba do 3° ao 6°, retratos na mesma galeria

Suplemento do "João Paulino"

318 CONCURSO

«Revista da Semana»

AVENIDA CENTRAL 110 e 112

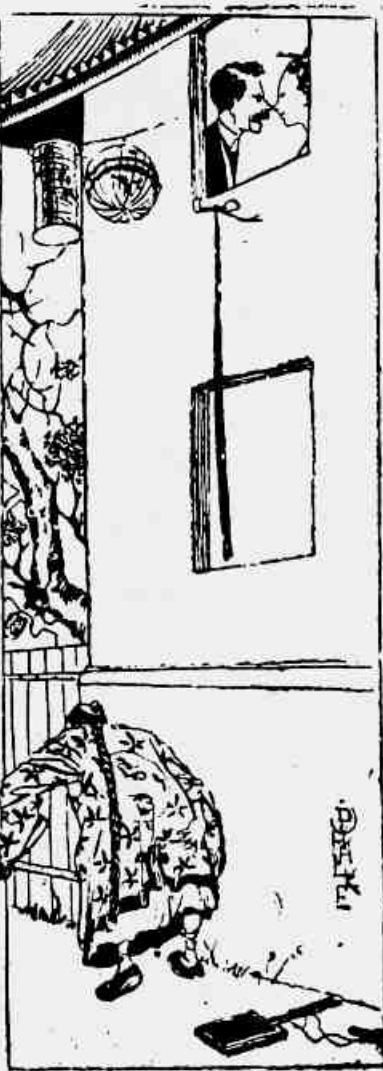
Leite; 4 Jayme Eloy dos Santos; 5 Mario Oliveira Brandão; 6 Cadmo Fausto de Souza; 7 Edith Figueiredo de Souza; 8 Carlos Augusto da Costa e Silva; 9 Odette Castro da Veiga Pinto; 10 Ary Carlos Levrero. 11 Emilia do Nascimento Mes-

CAVALLEIRO CAIPORA



Historia sem palavras

O RABICHO DO CHIM ENRABICHADO



Conto chinês sem palavras

quita; 12 Rogerio Coelho Matheus; 13 Luiz D. Pantaleão; 14 Ascendino Coelho de Sampaio; 15 Hylde Rosa da Costa; 16 Jandyra Rocha Pinto; 17 Helena Saldanha; 18 Helena da Costa Lisboa; 19 Maria Torres; 20 Marilia Marques de Oliveira.

21 Maria do Carmo Dias Leal; 22 Donguinha Dias Leal; 23 Homero Dias Leal; 24 Filhote Dias Leal; 25 Santinha Dias Leal; 26 Giovanni Ferdinand; 27 Raul Henrique Velludo; 28 Rosalia Serena Delpino; 29 João Manuel da Fonseca Netto; 30 João Ribeiro.

31 Adelino V. Guimarães; 32 Lucia Wrencher; 33 João José O. Arnaut; 34 Darcy Corrêa de Sá; 35 José Antonio Lopes Filho; 36 Oswaldo da Silva Camacho; 37 Sylvia Paulmann; 38 Waldemar da Silva; 39 Vicentina da Silva; 40 Mario Alves.

41 Jorge Alves; 42 Dinorah Ribeiro da Cunha; 43 Octavio Augusto da Silva; 44 Alice Vaz; 45 João Pereira Filho; 46 Emilia Pereira; 47 Alcides Pereira; 48 José Teixeira Meirelles Filho.

Foi sorteado com o primeiro premio o numero 3 pertencente ao menino Jorge dos Santos Costa Leite.

Do 2º ao 10º retratos na galeria da Revista da Semana.

2º—N. 6—Cadm Fausto de Souza.

3º—N. 8—Carlos Augusto da Costa e Silva.

4º—N. 12—Rogerio Coelho Matheus.

5º—N. 17—Helena Saldanha.

6º—N. 27—Raul Henrique Velludo.

7º—N. 31—Adelina V. Guimarães.

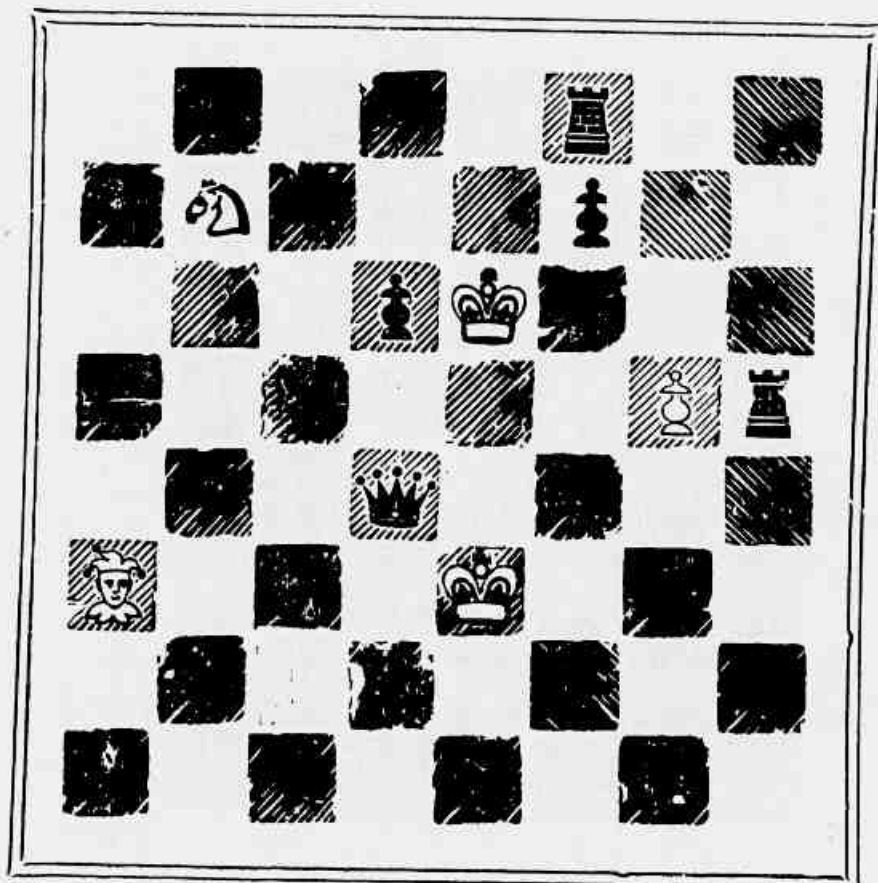
8º—N. 35—José Antonio Lopes Filho.

9º—N. 41—Jorge Alves.

10º—N. 48—José Teixeira de Meirelles Filho.

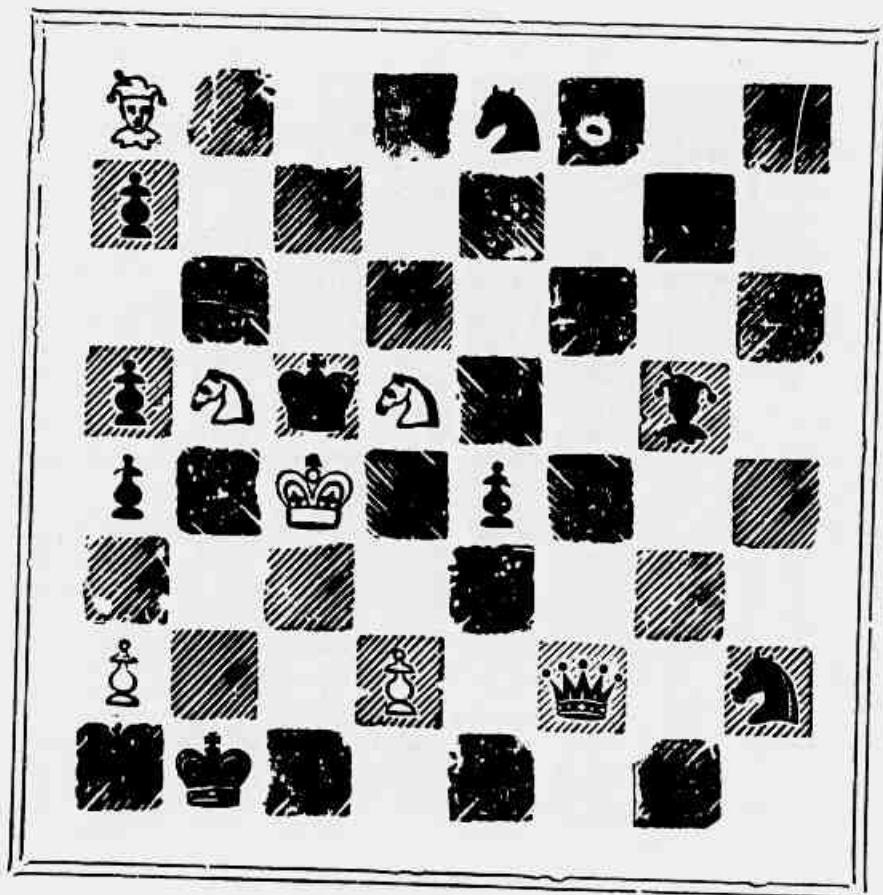
XADREZ

PROBLEMA n. 949 — S. Loyd
Pretas (3)



Branças (7)
Mate em dous lances.

PROBLEMA n. 950 — S. Shuster
(1º premio do "Budapesti Sakk-Szemle")
Pretas (8)



Branças (6)
Mate em dous lances.

SOLUÇÕES

Problema n. 944 — M. Prideau. . . 1 R 3 B
Problema n. 945 — W. A. Shinkman 1 R 3 R

Resolvidos pelos Srs. Ricardo Machado Junior (Palmyra), Omega, Petronio, Zut, Senhorita Alpha, D'Albret, J. Barreiros, Bento Leite, Selim Habad, Caissano, Muzio, João Chess, J. Bolton, A. Oliveira, S. de Castro, V. U., M. Salema e Amilcar (Juiz de Fóra).

Partida n. 297 — Ruy Lopez

(Jogada no Café Central de Vienna, em Novembro de 1911)

Branças (Wolf)

- 1 P 4 R
- 2 C 3 B R
- 3 B 5 C
- 4 P 3 B D
- 5 Roque
- 6 P 4 D
- 7 P 5 R
- 8 P × P
- 9 B 4 B D
- 10 B 5 C R
- 11 B × C (5 D)
- 12 C × P C !
- 13 D 5 T
- 14 D × P B x
- 15 D 5 T x
- 16 D 7 T x
- 17 D 8 T x
- 18 D × P C mate.

Pretas (Prof. Minotti)

- P 4 R
- C 3 B D
- B 4 B
- C 3 B
- Roque
- P × P. Melhor seria
- B 3 C.
- C 4 D
- B 3 C
- C (3 B) 2 R
- P 3 T R
- P T × B
- C × B
- T 1 R
- R 1 T
- R 1 C
- R 1 B
- R 2 R

Campeonato do mundo — As condições impostas pelo Dr. Lasker para o "match" com Capablanca.

As condições impostas a Capablanca pelo Dr. Lasker para a realização do "match" para o campeonato do mundo, são de tal sorte desvantajosas para o mestre cubano que provavelmente não serão aceitas por este.

Não fallando do numero de partidas estabelecidas: seis ganhas, não contados os empates, porém, considerando-se terminado o "match" caso nenhum dos dous tenha obtido seis pontos ao cabo de trinta partidas jogadas, ha varias imposições até hoje ainda não propostas em taes encontros.

O Dr. Lasker marcará o logar do encontro; exigirá que o seu antagonista deposite a importancia da aposta, sem que faça elle tambem o mesmo deposito; terá propriedade das partidas jogadas. Em caso de empate do "match" continuará o Dr. Lasker a ser o campeão do mundo até que outro "match" futuramente se realize.

Não sabemos qual o effeito causado a Capablanca pelas imposições do actual campeão do mundo e se apesar de todas as condições propostas o "match" tiver logar, este anno mesmo assistiremos ao encontro mais renhido que se terá realizado nesses ultimos vinte e cinco annos.

CORRESPONDENCIA

R. Machado Junior (Palmyra). — Fazemos votos para que obtenha nessa pittoresca cidade os beneficios de que a sua saude necessita e agradecemos os termos de sua delicada carta.

Senhorita Alpha. — Ha provavelmente engano na confecção do diagramma que nos enviou. Tal como está impresso o rei branco acha-se debaixo do xaque.

HEIBAS.

Vin Désiles

O MELHOR TONICO E O MAIS EFFICAZ
Superior a todos os Vinhos de Quina conhecidos.
E' o VIGOR e a SAUDE a servidos cada dia
 sob a forma de uma agradável bebida.
 A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

*Extracções publicas sob a fiscalização do Governo Federal,
 ás 2 1/2, e aos sabbados, ás 3 horas, á rua Visconde de Itaborahy n. 45*

Sabbado

CINCO PREMIOS DE

234 — 1ª

9 de Março

100:000\$000

Por 8\$500

Correspondencia á Companhia de Loterias Nacionais do Brasil, caixa n. 41, rua Primeiro de Março n. 88. Rio de Janeiro.

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser dirigidos aos agentes geraes Nazareth & C., rua Nova do Ouvidor n. 14 (antigo 10), nesta capital, acompanhados de mais 500 rs. para o porte do Correio.

OFFICINAS GRAPHICAS

Do JORNAL DO BRASIL

e REVISTA DA SEMANA

Nestas officinas executa-se com perfeição, presteza e modicidade de preço, qualquer trabalho concernente ás artes graphicas. Fazem-se com nitidez «clichés» em zinco e cobre, por todos os systemas e stereotypias de qualquer formato

110 E 112 AVENIDA CENTRAL 110 E 112

PREÇO DE ASSIGNATURA

REVISTA DA SEMANA

Exterior : Anno.....	20\$000	Brasil : (Registrado)....	25\$000
(Registrado).	30\$000	» Semestre.....	8\$000
Brasil : Anno.....	15\$000	» (Registrado)....	18\$000

NUMERO AVULSO 300 RS.

AO PUBLICO Carnaval de 1912

A Perfumaria Gaspar
a conhecida casa de
perfumarias da

PRAÇA TIRADENTES 18

Proximo á rua 7 de Setembro

participa aos seus
amáveis freguezes e
aos carnavalescos em
geral que acaba de
receber grande sorti-



mento de artigos para
o Carnaval, como se-
jam: lança-perfumes,
serpentinhas, mascaras,
diabinhos, clowns, do-
minós e fazendas pro-
prias para fantasias de
todos os generos, assim
como declara tambem
que o Principe dos
perfumes é o

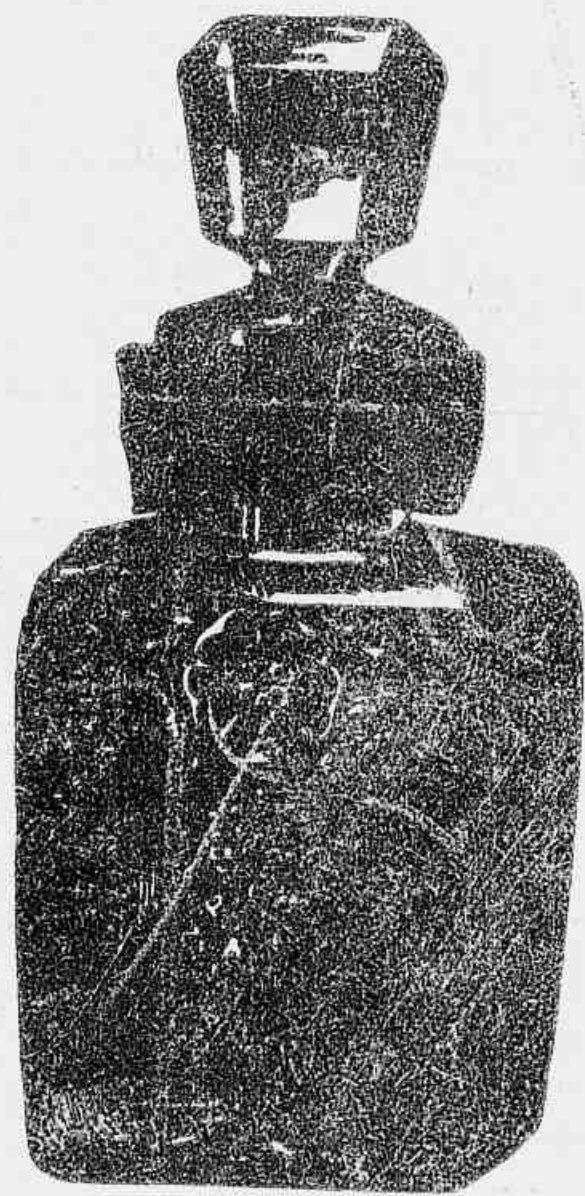
ONDINA

a marca mais pro-
curada por todas as
Exmas. familias.

Esta perfumaria encon-
tra-se aberta até ás 10 horas
da noite.

Rio de Janeiro

Telephone n. 1.112



ENCONTRA-SE

Em todas as perfumarias

PERFUMES

DES ROSES e RÉMIA

Do melhor fabricante francez

V. RIGAUD

PARIS



ENCONTRA-SE

Em todas as perfumarias